



Editor: *Instituto Politécnico de Santarém*  
Coordenação: *Gabinete coordenador do projecto*

Ano 6; N.º 238; Periodicidade média semanal; ISSN:2182-5297; [N.64]

## **FOLHA INFORMATIVA N.º 13-2013**

### ***Fragatas e Varinos do Tejo***

#### ***Ovarenses proprietários em Lisboa destas embarcações nos finais do séc. XIX e princípios do séc. XX***

Continuando a historiar a saga dos nossos fragateiros em Lisboa, e complementando os textos já publicados [neste jornal] em números anteriores. –“*Construção de fragatas em Ovar nos séculos XIX e XX*” e “*Fragateiros Ovarenses*” – volto hoje a estes temas, procurando abordar com mais pormenor alguns aspectos ligados a afragatas e varinos, bem como aos seus proprietários vareiros na última meta do séc. XIX e primeira metade do séc. XX.

#### ***Fragatas e Varinos***

Os fragateiros da nossa terra costumavam dizer que havia dois tipos de fragatas, umas mais compridas, com 20 a 30 metros, carregando de 150 a 170 toneladas, que eram as fragatas propriamente ditas, e outras de menor extensão, com capacidade para 20 a 150 toneladas, às quais chamavam *barcos de bica* (por terem a proa em bico, um pouco parecida com os moliceiros), mas cuja designação real era de barco “*varino*”.



**Fragata do Tejo**



**Varino do Tejo**

Marcolino Cardoso Fernandes, um homem de Sarilhos Pequenos, Moita do Ribatejo, filho de fragateiro, neto e bisneto de fragateiros e ele próprio da mesma profissão, faz-nos uma descrição pormenorizada desta embarcação no seu livro/catálogo da “*Exposição Gentes do rio Tejo, imagens de outros tempo 1900-1974*”, integrada nas festas do Rosário – Agosto de 2002 daquela povoação.



**Varino carregado de cortiça, 1ª metade do séc. XX, Constância**

Eis o que ele nos diz:

Varino, barco de bica, apareceu mais tarde no Tejo, por volta de 1800, finais do séc. XIX. Muito elegante e bem decorado, era descendente da enviada que os ílhavos deixaram no rio Tejo.



**Varino da Moita**

O seu nome parece ter origem nos “Ovarinos”, embarcações de Ovar. Barco de carga típico do Tejo, tal como a fragata, era de casco bojudo, mais elegante e sem quilha, de fundo chato. Aparelhava com uma vela grande quadrada com caranguejo e uma ou duas velas de estai num mastro um pouco inclinado à ré. No princípio do séc. XX alguns varinos também aparelhavam com vela latina, triangular, com verga. Outros ainda, possuíam bordas falsas para melhor acondicionamento das cargas. Os varinos tinham a particularidade de penetrar em águas pouco profundas, ao contrário das fragatas, que possuíam quilha e tinham um calado maior.



**Varino**

Muitos dos varinos foram construídos em Ovar, especialmente nos estaleiros da Ribeira. Outros nos da Mutela, em Almada, por carpinteiros ovarenses de construção naval contratados pelo dono, João Gomes Silvestre (Marcela), como já referido no João Semana 3.

### **Todos eram... fragateiros!**

Não havia distinção entre tripulantes de fragatas e de varinos, pois a todos eles se chamava *fragateiros*, e estes, por sua vez, também distinguiam o tipo de embarcação onde trabalhavam, a todas denominando de fragatas....

Estes barcos atracavam, normalmente, na doca do “Jardim do Tabaco”, perto de Alfama, onde se encontravam o chafariz de “Dentro” e o chafariz de “El-Rei”, fornecedores da água que os moços, com os pés descalços e um barril às costas, iam buscar para as embarcações.



**Varinos na doca**

Alguns acostavam ainda no “Cais da Areia” ou no de “Alcântara”, e que, quando havia temporal, na “Doca da Encruza” em Santos.

Diz ainda Marcolino Cardoso Fernandes:

Na década de 30, antes da 2ª Guerra Mundial, havia poucos proprietários de fragatas. Tinham o serviço assegurado e por conseguinte, auferiam bastante lucro. Nessa altura o rendimento de uma fragata era superior ao de um prédio. Esse tipo de investimento contagiou algumas pessoas e apareceram oportunistas a comprar fragatas.

## O fim das fragatas

Como todos os negócios estão sujeitos ao factor risco, também este sentiu um grande revés, devido a várias circunstâncias que surgiram quando acabou a guerra.

Com o aparecimento de armazéns e outras alternativas de transporte devido à construção da ponte sobre o Tejo, as fragatas deixaram de ser depósitos de mercadorias, tornando-se, nessa altura, excessivas. Com a escassez de trabalho começaram por desaparecer, terminando os seus dias apodrecendo nos ancoradouros das margens do Tejo. Tal como apodreceram os barcos grandes da xávega, de 4 remos nas dunas do Furadouro.



**Velha Fragata, Vila do Rosário, Moita**

## Fragateiros Ovarenses

Foram vários os ovarenses que também investiram no negócio das fragatas, tornando-se seus proprietários.

Citamos aqui os que acudiram à memória de quem gentilmente conosco colaborou para que pudessemos registar no papel a vida dum povo que nos finais do séc. XIX e limiar do séc. XX, por não encontrar trabalho na sua terra, foi obrigada a deixá-la. Abalando para outras paragens, nas quais pudesse sobreviver!

Eis os seus nomes: Gomes Casca; José Gomes da Silva; Manuel Pereira Rebelo; Manuel Cascarejo; Francisco Gomes Leita; Mário Neves; Damião Gomes Leite; Manuel José de Pinho; Manuel do Trigo; Augusto Oliveira; Manuel Conde e Salvador Pampulim.

Possivelmente que não termina aqui a lista dos nossos conterrâneos donos de fragatas, havendo outros que, como eles, optaram por rumar até Lisboa, enfrentando a vida nas águas do rio Tejo, ao lado dos simples moços, camaradas ou arrais de fragatas, de varinos e de outras embarcações.

Ficamos receptivos a mias nomes desses heróicos vareiros.



**Varino do Tejo**

### **Fragatas e Rebocadores**

Algumas fragatas e seus tripulantes de Ovar, bem como mestres de rebocadores nossos conterrâneos, de 1936 a 1950:

Fragata Orlando: Manuel de Arada; José Maria Rei; Manuel O. Manarte.

Fragata Bernardina: António Santa Camarão; António Pelim; António O. Manarte; António Ramiro.

Fragata Maria Alice: Francisco Barbosa; João Pinto; José Fogueta; António Vinagre.

Fragata Cangueiro: José Barbosa; António Zarco; José Costa.

Fragata Manuel Augusto: Manuel Guinga; José Maria Ramalhete; Carlos Barbeiro.

Fragata Manuel: João Conde; Francisco Ramalhete; Domingos Espichado; António da Sabina.

Fragata Ligeiro: Manuel Maria Bebáguas; Francisco Maria Espichado.

Fragata Balançuela: Manuel Laranjeiro; Álvaro Báú; Manuel Soares.

Fragata Benvinda: Manuel Feijão; Artur Coito.

Fragata Bote de Casca: Francisco Pescador; Manuel Maria Salgueiro; Carlos da Moleira.

Fragata Augusto: José Areias; José de Oliveira.

Fragata Gomes Leite: Francisco Batoca; Francisco Maria Batoca; José Batoca (todos irmãos).

Fragata Alice: José Rato; António Barbosa.

Fragata Odete: Joaquim Raia; Luís Begiga; José Lopes Fião; Manuel Calceteiro.

Fragata Élio: Manuel Pinéu; Virgílio do Carregal; João Pinto.

Fragata Álvaro: Américo Aleixo; Manuel da Jesufina.

Fragata Guedes: Alberto Paciência; José Videira.

Fragata Varino do Pampulim: Manuel Escora; Francisco Tripa; Manuel Tripa.



**Varino Liberdade, de Vila Franca de Xira**

As fragatas que carregavam mais de 100 toneladas tinham quatro tripulantes e as que transportavam menos que esse peso compunham-se apenas de três.

Havia ainda algumas de 10 e 20 toneladas, com uma tripulação somente de um camarada e um arrais.

Estas embarcações mais pequenas eram, como atrás se referiu, os varinos.

Nesta relação apenas são referidos os nomes dos tripulantes de Ovar.

Mestres de rebocadores de Ovar: Jorge Fião; António Cravo; António Augusto Fanha; João Maria Fanha; Álvaro de Válega; José Relvas; Domingos Coito.

***José de Oliveira Neves***